

UNIVERSIDADE DE PASSO FUNDO

Jeisiane Bruna Segalla

REDES E COLETIVOS POÉTICOS: AS  
RESISTÊNCIAS DA INTERNET

Passo Fundo  
2017

Jeisiane Bruna Segalla

# REDES E COLETIVOS POÉTICOS: AS RESISTÊNCIAS DA INTERNET

Monografia apresentada ao curso de Letras, Português - Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, na disciplina de Monografia II, sob a orientação do professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Passo Fundo  
2017

Jeisiane Bruna Segalla

REDES E COLETIVOS POÉTICOS AS RESISTÊNCIAS:  
DA INTERNET

Monografia apresentada ao curso de Letras, Português - Inglês e Respectivas Literaturas, do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, da Universidade de Passo Fundo, na disciplina de Monografia II, sob a orientação do professor Dr. Miguel Rettenmaier da Silva.

Aproada em \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Dr. Miguel Rettenmaier da Silva

---

Dr. Fabiane Verardi Burlamaque

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, agradeço a Deus, a quem recorro nos momentos de fraqueza e angústia.

A minha família, pelas palavras de carinho, pela compreensão, pelo apoio nas horas mais tensas e desafiadoras.

De modo muito especial ao meu querido orientador Dr. Miguel Rettenmaier, pela orientação, pela disponibilidade, por acreditar que esse resultado seria possível e por me presentear com essa pesquisa maravilhosa.

Finalmente, agradeço a todos que colaboraram para que hoje esse trabalho fosse concluído, em especial as amizades que construí no curso de Letras.

### **Emergência**

Quem faz um poema abre uma janela.  
Respira, tu que estás numa cela abafada,  
esse ar que entra por ela.

Por isso é que os poemas tem ritmo  
para que possas profundamente respirar.  
Quem faz um poema salva um afogado.

*Mário Quintana.*

## RESUMO

A ubiquidade, a instantaneidade e a mobilidade de dados permitiram as redes invisíveis fazer parte da rotina de muitos brasileiros. Baseado nisso, o presente estudo consiste em analisar a recepção poética e estética da página **Slam Resistencia**, a priori, utilizamos das conclusões de Massimo Canevacci e Lucia Santaella para discutir questões ligadas à cultura, o sincretismo e a comunicação têm a contribuir para a formação do sujeito como leitor. Por fim, constata-se que o indivíduo, por meio do Facebook, se conecta com o todo de forma sincrética e polifônica e, por meio da invisibilidade das redes, interage com diferentes linguagens e contextos sociais.

**Palavras-chave:** Ubiquidade. Ciberespaço. Formação de Leitores. Sincretismo. Rede Social.

## Sumário

<b>1.0</b>	<b>Poesias nas cidades polifônicas .....</b>	<b>8</b>
<b>2.0</b>	<b>Leitura em tempos de ubiquidade: redes invisíveis .....</b>	<b>10</b>
<b>3.0</b>	<b>Leituras em tempos de mobile: múltiplas cores, lutas plurais.....</b>	<b>19</b>
<b>4.0</b>	<b>Mobile e literatura: resistências extremas .....</b>	<b>28</b>
<b>5.0</b>	<b>Slam Resistência: a arte de confrontar .....</b>	<b>35</b>
	5.1-Sabotagem Sem Massagem Na Mensagem: Slam Resistência e o Feminismo .....	36
	5.2-Sabotagem sem massagem na mensagem: Slam Resistência e o Preconceito.....	41
	5.3-Sabotagem sem massagem na mensagem: Slam Resistência e FORA TEMER!.....	44
<b>6.0</b>	<b>Conclusão.....</b>	<b>49</b>

## 1. Poesia nas cidades polifônicas

Com 1,5 bilhão de usuários, o Facebook é usado, segundo dados de 2015, por um em cada seis habitantes do planeta, sendo metade através do celular<sup>1</sup>. A ubiquidade, a instantaneidade e a mobilidade de dados permitiram a essa rede social fazer parte da rotina de muitos brasileiros, nessa mesma perspectiva sustento que o estudo desenvolvido especifica a importância da rede social como aliada à formação de leitores no século XXI.

Esta pesquisa abarca discussões instigadas no curso de Letras que foram definitivas para a escolha da linha de pesquisa. Formar um profissional que consiga mediar seus conhecimentos e as percepções de mundo dos alunos é o objetivo do curso de Letras, apesar da ênfase nos estudos da linguagem sala de aula, pouco se menciona, no meio acadêmico, a atualização dos novos suportes e estatutos da leitura. Compete, então, a esse estudo fazer uma contribuição sobre os novos contextos da formação leitora, nesta era mediada pelo *www*.

Este trabalho surgiu com intuito de discutir a atualização das recepções de leitura e literatura. Assim, faz menção aos estudos aplicados a concepção de rede social como um elo entre leitura e formação do sujeito quanto leitor. Cabe mencionar que nossos suportes de leitura são outros, vivemos em constante evolução desde a era de Gutenberg, do papiro aos polegares virtuais, muita leitura esteve implicada e agora este novo conceito ubíquo de rede e comunicação permite acessar o Facebook, não só para comunicação, mas para incutir no maior número possível de usuários o gosto pela leitura.

O objetivo geral da pesquisa é interpretar e discutir a produção poética nas redes sociais, em especial, Facebook, observando a qualidade estética das produções e a recepção dos textos postados, curtidos e comentados na página **Slam Resistência**. Ao mesmo tempo busca-se discutir a literatura produzida em rede e coletivamente em perfis do Facebook, em especial do coletivo **Slam Resistência**, levando em conta contexto, temático e estilo dos textos poéticos, a priori, classificados na estética de poesia marginal. Pretende-se também discutir a recepção literária em rede, a partir dos comentários e curtida dos seguidores da página em questão, a partir dos novos estatutos de leitura, imersiva e ubíqua.

---

<sup>1</sup> Dado disponível em: Martel, Frédéric: Smart, o que você não sabe sobre a internet. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.

A monografia foi desenvolvida por meio de pesquisas em livros, sites, periódicos e artigos que contemplaram a proposta e o assunto aqui tratado, bem como foram analisados a resposta dos seguidores da página **Slam Resistência**, no que diz respeito à identidade como forma de curtidas e comentários. Foram analisados, assim, elementos metodológicos netnográficos, propostos por R.V.Kozinets, na apresentação e discussão dos dados, textos produzidos e lidos na rede.

Na pesquisa netnografia ética (KOZINETS, 2014, p.132) quatro passos são importantes: identificar-se e informar os constituintes relevantes sobre a pesquisa; pedir permissões apropriadas; obter consentimento quando necessário; citar e dar o devido crédito aos membros. Sendo assim, adotamos os três princípios básicos da netnografia. Ou seja, obedecemos aos passos de coleta de dados na forma de cópia direta da página **Slam Resistência**, extração de dados a partir da interação com os membros organizadores dos eventos da Slam e, por fim, atendemos o critério de afiliação e experimentação a partir do contato com as poesias dispostas na página estudada.

Recorremos à linguística do discurso para, conceitos bakhtinianos, levantar hipóteses acerca dos enunciados dispostos no ciberespaço. Utilizamos das ideias de Massimo Canevacci e Lucia Santaella para discutir fatos ligados a cultura, ao sincretismo e as linguagens na era da mobilidade. Com isso, foi possível descrevermos o que a antropologia e a comunicação têm a contribuir para com a formação do sujeito como leitor. Nessa perspectiva, discutimos a proposta de leitor e navegador descrita por Chartier, contrapondo com a tese de Santaella no que diz respeito ao texto digital.

Este estudo encontra-se estruturado em três capítulos teóricos, que abordam, respectivamente, a ubiquidade e as redes invisíveis, as lutas plurais e as múltiplas cores, além das resistências eXtremas, vinculadas em forma de poesias nas plataformas da *web* semântica. Ao mesmo tempo, em três episódios, discutimos acerca da produção na página com exemplos de materialidades dispostas nesse ambiente.

Portanto, o estudo se justifica pela necessidade de se formar leitores conscientes de que a leitura encontra-se nos múltiplos suportes, fazendo das redes sociais um lugar de recepção estética e difusão de escritos, ao passo que o sujeito possa se identificar nesse ambiente como sujeito leitor. De certa forma, esse trabalho é o início de uma trajetória de pesquisa e as ideias aqui contidas são introdutórias, parciais e ainda inconclusas, podendo ser esmiuçadas a partir dos estudos futuros.

## 2. Leitura em tempos de ubiquidade: redes invisíveis

Para tratar da leitura em redes invisíveis é fundamental abordar a relevância do ciberespaço como meio de fomentação das produções poéticas compartilhadas por diferentes usuários, nos mais diversificados contextos sociais. Isso porque a partir desse universo singular adentramos em uma Via-Láctea globalizada de plurissignificações, pré-dispostas aqui, no caso específico desta pesquisa, como resistências múltiplas compiladas a invisibilidade interligada. Nesse sentido, as vozes articuladas em rede sociais tem o intuito de movimentar a poesia no ambiente do Facebook.

Assim, este trabalho concebe a rede social como uma estrutura alicerçada por leitura, escritos (literários, no caso da poesia) e formação do sujeito leitor e escritor, em uma identidade identificada a posições ideologicamente marcadas. Pois, à medida que o usuário entra em contato com os conteúdos verbais e visuais é capaz de tornar-se fiador ou contestar determinados discursos. Em virtude disso a *web* assumiu, na era da ubiquidade, um princípio dialógico, afinal ao mesmo tempo em que cria, o indivíduo recebe, de forma instantânea, a réplica.

Lidas pelo aporte teórico do princípio bakhtiniano da dialogia, as redes assumiram papel importante na formação e atualização dos estatutos de leitura. Em suma, o que compete tal característica às redes é o caráter da expressividade e alteridade, características propostas por Bakhtin na teoria enunciativa.

Primeiramente, é necessário compreender que todo enunciado se constrói a partir de outro, no interior de uma relação dialógica entre um locutor e um interlocutor. Trabalhando com essa primeira concepção atendemos a ideia de alteridade. Pois, para ser dialógico o discurso precisa da relação locutor e interlocutor, salvo que todo discurso é dialógico, então, em todos eles teremos esse movimento característico pelas múltiplas vozes da enunciação. Portanto, nas redes esse fator está diretamente ligado às recepções dos usuários ao passo que esses visualizam assumem papel de interlocutor, dessa maneira, a rede é um universo dialógico portador de vozes sociais implicadas no seio das poesias.

Sendo o locutor a pessoa subjetiva desse movimento, ele irá mobilizar seu contexto e ideologia para se apropriar da língua e fazer sua enunciação, acerca de um referente. A mobilização induz ao “eu” um posicionamento singular em relação a linguagem, logo a significação da palavra, que está na poesia, dentro da realidade concreta do autor assume significância e, assim, possuímos a questão da expressividade.

O enunciado é uma unidade da comunicação verbal que somente tem existência em um determinado momento histórico, porém, sua constituição não exclui a oração. O enunciado é exatamente a realização enunciativa da oração. O valor semântico do enunciado, por sua vez, é o sentido. (FLORES E TEIXEIRA, 2005, pg. 56).

À luz da democratização de textos não profissionais é que surgiram páginas como a **Slam Resistência**, o qual se inscreve entre mobilizações frequentes no Facebook e que permitiram aos usuários a aproximação com textos dos mais diferentes gêneros. É pertinente mencionar que nossos suportes de leitura evoluíram de Gutemberg aos polegares virtuais e agora este espaço invisível e ubíquo, que é a *web* propriamente dita, permitiu aos usuários adentrar ao Facebook para ir além da conversação. Ou seja, permitiu ao sujeito sensibilizar e incutir no maior número possível de seguidores o gosto pela leitura, a partir da simplicidade poética dos coletivos e das resistências sociais integradas ao Facebook.

Santaella atribui ao ciberespaço à função de incorporar mensagens e, a partir dessa propulsão de dados, acompanhar e motivar o usuário a transitar entre os diferentes textos e sentidos:

No ciberespaço, a informação transita à velocidade da luz. As reações motoras, perceptivas e mentais também se fazem acompanhar por uma mudança de ritmo que é visível na agilidade dos movimentos multidirecionais, zigzagueantes na horizontal, vertical e diagonal com que o olhar do infonauta varre ininterruptamente a tela, na movimentação multiativa e na velocidade com que a navegação é executada. (SANTAELLA, 2007, p.181)

Em outras palavras, não há espaço para a contemplação nas redes. Afinal esse universo multiconectado não dispõe de imagens fixas, ou seja, o leitor não encontra um texto individualizado, mas sim uma multimodalidade estruturada de forma dinâmica, em uma velocidade inimaginável, desde o *tuch* do mouse ao deleite no site.

O surgimento do ciberespaço permitiu a rede modular uma nova forma de vida literária, na qual se reajustam as recentes manifestações da escrita, leitura, crítica e, sobretudo, de produção e circulação dos textos literários. Nesse universo atualizado, descentraliza-se a produção e recepção dos escritos literários e entrelaça a esse movimento a arena polifônica das vozes, atrelando contexto social e subjetividade ao meio invisível.

Por essa razão, trabalhar com texto literário em redes invisíveis não é uma tarefa simples. Antes de tudo, é preciso conceituar a materialidade linguística disposta nesse estudo: a poesia em rede. Entendemos por poesia uma materialidade – que além de dispor de certa métrica, rima e lirismo – expressa, por meio de palavras os sentimentos e identidades dos homens acerca do seu mundo e baseada nas suas experiências.

Quando em redes invisíveis, esses escritos estão dispostos em páginas específicas, que assumem difundir a literatura e a arte como forma de expressão de resistência, do real e imaginário do que registra em poesia, por exemplo, o contexto social. A partir das teias invisíveis o escritor registra seus textos e os distribui na velocidade das postagens, na ubiquidade dialógica característica das leituras em tempos de conectividade.

Segundo Canevacci (2009, pg. 10), “a comunicação na era digital reveste-se de total importância. Seja pelo aspecto produtivo, seja pelo aspecto de valores, de comportamento, pela maneira de falar, de estabelecer a relação com o corpo, e também com a identidade”. Essa comunicação contempla a nova versão de metrópole que, regida pela interação tecnológica, emerge nessa era digital. Esse novo estatuto permite uma organização mais fluida, constituída pelas múltiplas identidades, e a partir da globalização e dos contextos comunicacionais é possível tanto um deslocamento de tendências no material literário quanto um comportamento renovado por parte do leitor.

Tudo isso pôde ser constituído graças à conectividade entre os “eus” presentes no texto, devido à arena polifônica, e os diferentes contextos enriquecidos de situações temporais, marcadores que crescem a subjetividade nos escritos dispostos em rede. Em consonância, o autor observa a característica da dialética, própria às metrópoles comunicacionais, a qual debilita fronteiras rígidas se faixa etária, raça, gênero, classes sociais, da mesma forma como permite:

Um *cronotopo* polifônico e híbrido denso de potencialidade libertadora. Tudo isso significa que a política, no seu sentido mais preciso, está mudando profundamente. (...) Uma cidadania não mais determinada pelo estado-nação, mas flutuante entre *e-spaces* (espaços eletrônicos - material e imaterial) que nos interconecta com fragmentos das metrópoles comunicacionais. (CANEVACCI, 2009, p.09).

Resultado dessa conectividade e polifonia disposta nas metrópoles é que emerge o leitor ubíquo, a priori um leitor que abarca conhecimentos e características dos demais. Entretanto, esse indivíduo já está mais acostumado com a inovação urbana e encontra leitura em todo lugar e em diferentes suportes.

Conforme Santaella(2014):

Ao leve toque do seu dedo no celular, em quaisquer circunstâncias, ele pode penetrar no ciberespaço informacional, assim como pode conversar silenciosamente com alguém ou com um grupo de pessoas a vinte centímetros ou a continentes de distância. O que lhe caracteriza é uma prontidão cognitiva ímpar para orientar-se entre nós e nexos multimídia, sem perder o controle da sua presença e do seu entorno no espaço físico em que está situado. (SANTAELLA, 2014, pg. 36)

A noção de ubíquo advém das pesquisas de Santaella acerca dos tipos de leitores, em *O Leitor Ubíquo e Suas Consequências Para A Educação* (2014), a autora convencionou reflexões acerca das questões cognitivas dos leitores, para isso nos próximos parágrafos discutiremos questões relativas a esses sujeitos inseridos nas metrópoles comunicacionais.

O leitor, renovado pela técnica e inserido no “cronotopo polifônico e híbrido” das metrópoles comunicacionais polifônicas pode ser observado na linha diacrônica proposta por Santaella (2007). O primeiro apontamento trata do leitor em seu estado *contemplativo*, também listado como meditativo. É aquele ser que emerge na idade pré-industrial.

Esse leitor é, por essência, caracterizado pelas leituras unicamente dispostas no suporte impresso, em consonância perdura até meados do século XIX:

O perfil cognitivo do leitor do livro pressupõe a prática, que se tornou dominante a partir do século XVI, da leitura individual, solitária, silenciosa. Ela implica a relação íntima entre o leitor e o livro, leitura do manuseio, da intimidade, em retiro voluntário, num espaço retirado e privado, que tem na biblioteca seu lugar de recolhimento, pois o espaço de leitura deve ser separado dos lugares de um divertimento mais mundano. (SANTAELLA, 2007, pg. 29)

O segundo, filho da revolução industrial, leitor do mundo em movimento, é chamado de leitor *movente*. Conhecido também por fragmentado, logo o subentendemos como um ser dinâmico quanto à mistura de linguagens e sinais das metrópoles dentro das atualizações sociais vigentes. Esse é ágil, apressado, híbrido, de memória curta, no entanto versado as distrações.

O leitor do livro, meditativo, observador ancorado, leitor sem urgências, provido de férteis faculdades imaginativas, aprende assim a conviver com o leitor movente; leitor de formas, volumes, massas, interações de forças, movimentos; leitor de direções, traços, cores; leitor de luzes que se acendem e se apagam; leitor cujo organismo mudou de marcha, sincronizando-se à aceleração do mundo. (SANTAELLA, 2007, p.30).

O terceiro, já traz em seu DNA a imersão das raízes do digital. Classificado como *Imersivo*, também implicado como leitor virtual, esse indivíduo surge dos espaços ramificados da eletrônica, no apogeu da televisão. Claramente preparado pelo anterior para tratar das sensibilidades do mundo, é capaz de buscar e associar suas considerações no intuito de interpretar, construir e interagir com o mundo.

São habilidades também distintas daquelas empregadas pelo receptor de imagens ou espectador de cinema, televisão. É um leitor imersivo porque navega em telas e programas de leituras, num universo de signos evanescentes e eternamente disponíveis. Cognitivamente em estado de prontidão, esse leitor conecta-se entre nós e nexos, seguindo roteiros multilíneares. (SANTAELLA, 2007, pg. 32).

Por fim, conhecemos o detentor do dinamismo: o leitor *ubíquo*. Tipologia que abarca características de ambos os outros três, no entanto conclama a multimodalidade social em suas relações, já que está imerso em uma metrópole ilustrada por diferentes significações é capaz de coexistir e trazer a tona ambos os outros. Conforme Santaella, o leitor ubíquo como resultado do imersivo manterá o mesmo vivo dentro de si, pois mesmo que as interfaces sejam outras, as ligações psíquicas manterão linear nível informacional:

Mesmo que as interfaces mudem, o leitor imersivo continuará existindo, pois navegar significa movimentar-se física e mentalmente em uma miríade de signos, em ambientes informacionais e simulados. Portanto, as mudanças cognitivas emergentes estão anunciando um novo tipo de sensibilidade perceptiva sinestésica e uma dinâmica mental distribuída que essas mudanças já colocaram em curso e que deverão dimensionar-se cada vez mais no futuro. (SANTAELLA, 2007, p. 184).

Dessa maneira, é possível inferir que o perfil cognitivo do leitor ubíquo herda a capacidade de ler e transitar entre formas a partir do *touch*, ao passo que abarca a reflexão e construção de sentidos por parte daquilo que lê, permitindo o enlace entre história e novidade, contribuindo para o cenário virtual que conhecemos atualmente. É cenário em que a tecnologia se mostra pervasiva e no qual estamos na interseção entre o real e o virtual que “constitui hoje uma mistura inextricável que se imiscuiu no tecido mesmo das nossas vidas” (SANTELLA, 2013, pg. 134). É cenário no qual conectar-se “significa conduzir à intersecção de dois tipos de mobilidade, aquela mobilidade própria do nosso corpo nos espaços físicos que habitamos e a mobilidade própria dos espaços informacionais que visitamos” (SANTELLA, 2013, pg. 136).

A partir dessas inferências acerca dos tipos de leitores também é fundamental discutir que as plataformas de leitura também se atualizaram. Se para o leitor contemplativo a leitura se resguardava as bibliotecas, agora para o leitor ubíquo imersivo as plataformas são outras. Não significando que o mesmo tenha abandonado tal recurso, apenas se adaptou ao universo que a tecnologia das redes invisíveis o oportunizaram.

Como já mencionamos anteriormente as redes trouxeram novas perspectivas e estatutos de leituras. Atualmente os textos circulam no ciberespaço, sensibilizando e mobilizando sentidos e inferências dos mais variados usuários. Esse avanço de produções avulsas nas redes possibilitou refletir sobre o uso da escrita como forma paralela ao mundo contemporâneo no qual o texto está ao alcance de todos. Dessa forma, se poderia resumir essa “revolução”, como cita Chartier (1999), em duas palavras: universalidade e interatividade.

Esses dois pontos merecem maior respaldo nessa discussão, afinal as redes conectam milhares de pessoas instantaneamente, logo essa instantaneidade, indubitavelmente, aliou usuário e recepção dos escritos. Sendo de caráter universal, a interatividade configurou uma dialogia entre o novo e o clássico, já que por meio de curtidas e comentários o indivíduo interage e recebe a réplica do outro. Chartier (1999) salienta da importância do ser atuar como leitor, também passe a ser autor e assim fazer parte dessa arena, no caso dessa pesquisa coletivamente disposta em rede.

O sonho de Kant era que cada um fosse ao mesmo tempo leitor e autor, que emitisse juízos sobre as instituições de seu tempo, quaisquer que elas fossem e que, ao mesmo tempo, pudesse refletir sobre o juízo emitido pelos outros. Aquilo que outrora só era permitido pela comunicação manuscrita ou a circulação dos impressos encontra hoje um suporte poderoso com o texto eletrônico (CHARTIER, 1999, p.134).

Sobre essa questão podemos inferir que o sonho de Kant se realizou e hoje nós possuímos uma comunicação mais ubíqua do que nunca. Para sintetizar, cabe fazer menção ao que Lucia Santaella discute em *Comunicação Ubíqua*. Nessa perspectiva a autora faz uma retomada dos conceitos levantados por Chartier(1999) e acrescenta que, a seu ver, a passagem do livro para o digital não se trata de uma revolução, mas de uma evolução, afinal para as obras impressas chegarem as nossas mãos um dia foram digitalizadas e impressas. Portanto tudo é digital, desde a concepção do livro até sua impressão.

Santaella menciona que o computador é o novo habitat da escrita. E nessa nova difusão da literatura, acesso e criação estão entrelaçados nas mais diferentes plataformas. Salienta-se que essa evolução contribuiu com mudanças qualitativas, pois expandiu o conceito de literatura, já que o campo literário se utiliza da cibercultura para designar seus meios de produção, recepção e crítica.

Para tratar das produções esta pesquisa tomará por foco os textos literários “não profissionais” disponíveis na internet. Entendemos esse processo como a distribuição de textos, no caso poemas, oriundos de escritores ainda não conhecidos por um público significativo e, dessa forma, utilizam as redes para difundir as criações poéticas. Segundo Santaella (2014, pg. 208), essa “inclusão na análise literária expande as fronteiras da literatura tradicional, nesse cenário a rede funciona como um espaço independente de publicação, abraçando os sites de escritores amadores, portais de grupos de jovens” no intuito de conectar jovens e a leitura.

Analisar as redes invisíveis na perspectiva das resistências das redes sociais vai além de descrever e implicar a importância desse meio de circulação poética, mas adentrar e refletir sobre as feridas humanas, a arte, a sensibilidade e a literatura a luz de um espelho social heterogêneo característico da linguagem. Portanto, levantar questões que englobem as comunicações humanas e as produções poéticas implica, assim, repensar os limites do que se poderia conceber o texto como literário:

A literatura digital testa as fronteiras do literário e nos desafia a repensar nossos pressupostos sobre o que a literatura pode ser e fazer. Este desafio é contínuo, tendo em vista as mudanças constantes e cada vez mais aceleradas no universo digital. (SANTAELLA, 2014, p. 208).

Por isso, o universo digital é tão rico de subjetividade e redirecionamentos, já que em rede o texto toma propulsões desafiadoras. A web acelera as respostas e o contato com qualquer pessoa de qualquer lugar pode se banhar de tal fonte. Assim há na invisibilidade uma mobilização de conteúdos e leitores – quem escreve é leitor não só das próprias obras, mas também de todo um círculo, um processo irregular de linhas e de redes, uma comunicação desarmônica e provisória, mais assemelhada a uma debater-se constante. Nessa órbita multifacetada, inscrevem-se, entre outros confrontos, os Slams<sup>2</sup>, conhecidos pelo desafio, sendo esse desafio aceito somente quando há preparo específico.

As artes, agora, nessa nova ordem, tem em si o caráter associativo de um tecido em patchwork em uma estética de sincretismo. Segundo Canevacci:

**Sincrétika**, assim, manifesta o seu “K” luminoso que inflama e um “a” plural que expande a disparidade dos “objetos” encontrados ou descobertos nos itinerários transfigurados. **Sincrétika** exprime o vago do etnógrafo e o vago da arte. **Sincrétika** redefine a política atual caracterizada pela comunicação digital: as relações entre auto-representação e comunicação é política, é política comunicacional cada vez mais experimentada e difundida graças às tecno-culturas em montagem. (CANEVACCI, 2013, p. 14 – Grifos do autor).

Na invisibilidade das redes e no sincretismo das tendências, Canevacci convencionou a transposição da arte e etnografia, no mundo interligado em que vivemos e o qual modificamos, no intuito de levantar questões sobre produção, consumo e comunicação na era da globalização. Dentro dessa transposição, podemos perceber que se antes nossos estatutos se detinham a maneira tradicional de comercialização de qualquer produto, no que se incluem as produções literárias e as poesias, agora esse

---

<sup>2</sup> Sobre esse linha de comunicação e intervenção, serão focalizados aspectos com mais propriedade no capítulo a seguir.

material é resultado da interligação de contextos. Logo, houve a atualização desses estatutos. Uma vez que, os textos vagam na rede de forma dialógica e polifônica, no intuito de receber a réplica do interlocutor que paira no *ciberespaço*.

Através dos cruzamentos entre sincretismo, dialógica e polifonia, a identidade nunca é idêntica a si própria. Ela varia continuamente; a viagem é a grande metáfora da identidade: e no seu fim não se volta à forma anterior, mas arisca a própria transformação. Senão é melhor ver televisão. (CANEVACCI, 2013, p. 77.)

Daí o conceito de poesia sincrética, pois na necessidade do outro é que se constitui o “eu”, resultante da ubiquidade polarizada na teia invisível. Assim sendo, se temos um registro polifônico, existem vozes que duelam na arena das resistências, que na interação instantânea entre leitor e escritor constituem o dialogismo, trataremos dessas definições nos próximos episódios, quando analisaremos o conteúdo da página **Slam Resistência**.

Portanto, quando o usuário entra em contato com a poesia, no Facebook, espera-se que seja sensibilizado pelo prazer do texto, que ora atribui valor de denuncia, ora de protesto. Cabe ainda mencionar, ao tratar dos novos estatutos de leitura, a facilidade na comunicação entre criador e leitor. Os diferentes suportes trouxeram a aproximação e alimentaram a fonte da literatura com novos cenários imersivos e dinâmicos, que conquistaram cada vez mais adeptos mobilizados pelo desafio e identificação com temáticas, afinal representatividade é um dos pontos que nos fazem pensar sobre o que é ser brasileiro atualmente.

Para Santaella (2014, pg. 28), “são essas redes que dão amplo acesso à informação e permitem o encontro dos internautas, criando novas formas de socialização, compartilhamento e participação” Dessa forma discutiremos a seguir essa leitura socializada na era do mobile, além do papel das redes nas resistências e lutas plurais dentro da metrópole dotada de culturas eXtremas.

### 3. Leituras em tempos de mobile: múltiplas cores, lutas plurais.

No capítulo anterior abordamos questões referentes à invisibilidade do habitat dos escritos, bem como tratamos de questões relativas à ubiquidade e do ser, que envolto pela era da comunicação, assume papel de autor e leitor do conteúdo disposto na *web*. Portanto, a partir de agora, passaremos a esmiuçar questões relativas às Slams, além de discutir o papel da poesia como arena de lutas sociais e cores plurais.

A *Poetry Slam*, traduzida de forma literal: batida de poesia, implica a apresentação de poetas não profissionais no desafio de difundir seus escritos em encontros a céu-aberto. Nesse evento, cada escritor tem três minutos para apresentar-se, com ausência de música ou quaisquer aparelhos que não sejam seu próprio texto e subjetividade na interpretação. Há a atribuição de prêmios para os melhores colocados, que são escolhidos a partir de um júri montado composto por indivíduos do público presente escolhidos em ordem aleatória. Portanto, a responsabilidade da plateia é atribuir uma nota a cada competidor e, assim, decidir quem será o vencedor.

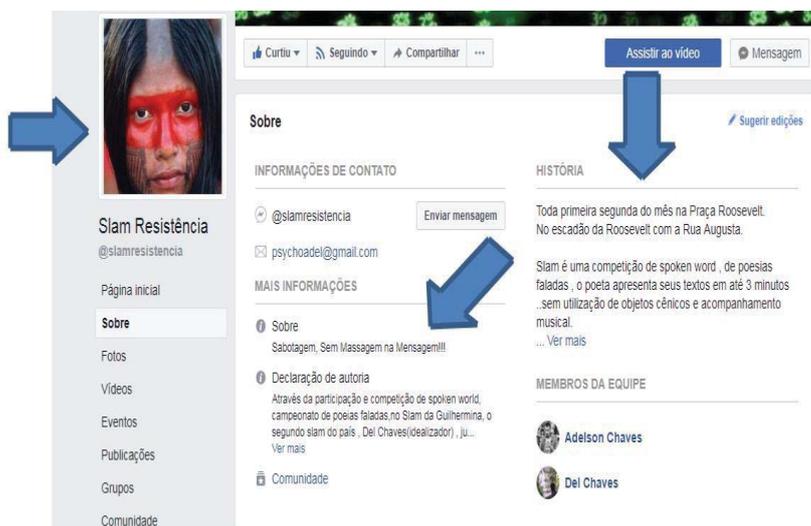
No entanto, essas manifestações literárias vão além de uma mera premiação. É a partir dos encontros que muitos poetas caem no gosto do público e dessa maneira há a abertura de novas possibilidades. Além de “viralizar” na rede social, alguns poetas conseguem, por exemplo, a publicação de uma coletânea de poemas oriundos das lutas sociais implicadas na subjetividade e na originalidade de seus escritos.

Concebida em meados da década de 1980, pela iniciativa do escritor Marc Kelly Smith, o movimento possibilitou aos porões da literatura criar sua própria identidade. Alguns dados apontam que tal circulação iniciou em Chicago na Green Mill Tavern conquistando os Estados Unidos e progressivamente outras partes do mundo.

A massificação dessa vertente literária permitiu que as redes abrigassem tal arquivo e democratizassem seu acesso devido ao próprio caráter integrador de conteúdos. Por exemplo, o slogan difundido pela página **Slam Resistência**, nesse discurso fica clara a posição e o propósito pelo qual artistas e público em geral participam de tal movimento: “Sabotagem sem massagem na mensagem, Slam Resistência”.

Tal discurso permite-nos inferir o compromisso social dos escritos em reportar a realidade dos autores na própria poesia. De certa forma, em cada poesia são esmiuçadas as falências de um sistema social regado de privilégios a uma classe social que prioriza o ter acima de qualquer ser humano.

Figura 1. Página **Slam Resistência**, em rede social.



Fonte: [www.facebook.com/pg/slamresistencia/about/?ref=page\\_internal](http://www.facebook.com/pg/slamresistencia/about/?ref=page_internal).

De acordo com a descrição da página, podemos confirmar o que foi referido anteriormente, com as manifestações e atividades de tal suporte:

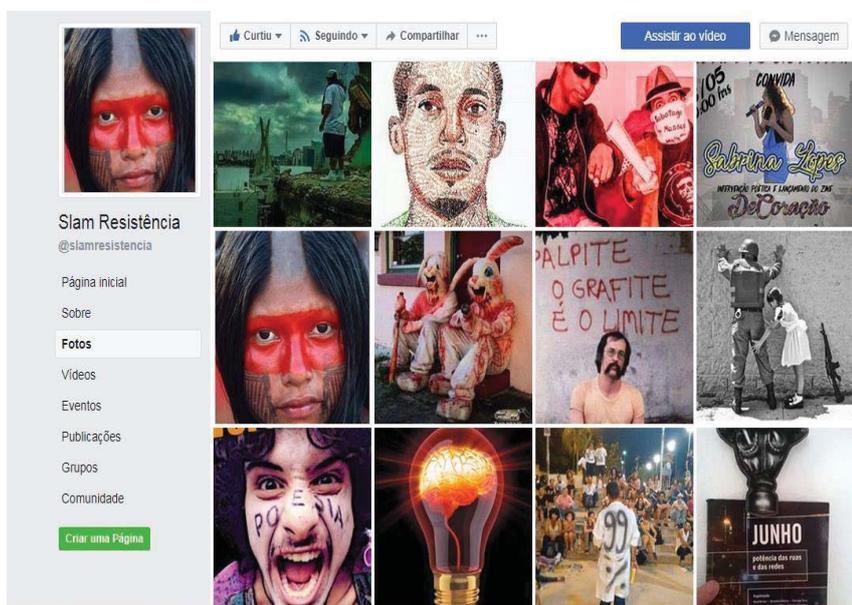
A Slam Resistência vem na sintonia dos protestos, dos movimentos sociais e do enfrentamento político ativo em defesas culturais/sociais, socioambientais e contra truculência do estado para com os manifestantes!<sup>3</sup>

Observamos que a foto de perfil da página foi alterada ao longo do ano conforme as medidas governamentais e atos de repúdio aconteciam em torno da comunidade. Essa é uma imagem referente ao mês de novembro, onde reporta a crítica o decreto que visava liberar a mineração em uma reserva nacional, na Amazônia. Percebe-se que além da poesia a página também cumpre com o posicionamento social, já que através das imagens dispostas relaciona o repúdio a questões definitivamente exploratórias.

<sup>3</sup> Dados disponíveis na própria página, no Facebook.

Nessa imagem encontram-se dispostas algumas fotos de perfil da página, nela percebemos temáticas como a poesia, o grafite, as manifestações, as ideias e a desconstrução da violência:

Figura 2. Página **Slam Resistência**, em rede social.



Fonte: [www.facebook.com/pg/slamresistencia/photos/?ref=page\\_internal](http://www.facebook.com/pg/slamresistencia/photos/?ref=page_internal).

Em relação de como e onde acontecem os episódios de “*spoken world*”, encontra-se disponível:

Através da participação e competição de spoken world, campeonato de poesias faladas, no Slam da Guilhermina, o segundo Slam do país, Del Chaves (idealizador), junto aos protestos que tomaram as ruas e 2013/2014, sentido o chamado pra começar esta nova modalidade de intervenções poéticas num local de reuniões de mov.sociais com intuito de potencializar tanto os protestos quanto os poetas/poetizas desta cena emergente!<sup>4</sup>

Portanto, a causa de tal manifestação poética se dá pelo cunho político e social. Como se sabe todo movimento literário deflagra as ideologias e crenças de uma comunidade em específico. Nesse caso, é importante mencionar que existiu uma única temática predominante nas materialidades linguísticas neste ano: a igualdade seja ela de cor, gênero, raça, cultura ou religião.

<sup>4</sup>Dados disponíveis na própria página, no Facebook.



Para tanto, partiremos do habitat poético dos recentes coletivos: o Facebook. Com 1,5 bilhão de usuários, o Facebook é usado por um em cada seis habitantes do planeta, sendo metade através do celular<sup>5</sup>. A ubiquidade, a instantaneidade e a mobilidade de dados permitiram a essa rede social fazer parte da rotina de muitos brasileiros. Nessa mesma perspectiva sustenta-se que o estudo ora desenvolvido especifica a importância da rede social como aliada à formação de leitores em século XXI.

Ao passo que os usuários compartilham, comentam e curtem exprimem dentro da sua subjetividade as impressões do meio cibernético e da materialidade que dispõe. Como são pluri-conectados, os frequentadores de tal rede costumam fazer parte de dadas páginas e seguem determinadas pessoas seja por compactuar com dado pensamento ou simplesmente por admiração. O fato é que constantemente um turbilhão de dados circula na *web* dotados de diversidades incontáveis e isso, de certa forma, reflete tanto o que se carrega de vivências contextuais positivas, quanto às negativas.

Frédérich Martel (2015) trabalha com a significação das redes para os seres humanos. Para ele a invisibilidade traz a condição de tecidos *smarts* movidos em um *ciberespaço*, ou seja, redes inteligentes que ao invés de limitar conteúdo, presentearam os internautas com inúmeras possibilidades, sendo duas delas a base para tal ambiente: produção e recepção substancial. “Recentemente o diretor da Google calculou que a cada 48 horas criamos on-line tantos conteúdos quanto foram criados desde o surgimento da humanidade até 2003”. A partir desse aspecto podemos perceber o elo entre ser e *network*, afinal as pessoas investem cada vez mais em redes inteligentes a fim de receberem conteúdos que vão muito além da informação. Para Canecacci, o *e-space* é um universo de contato e de encontro, além de uma possibilidade de avizinhamentos criativos:

No *e-space* posso entrar em contato com qualquer um sem conhecê-lo e ir a qualquer lugar sem ir. O qualquer-lugar, a ubiquidade se insere no *e-space*. As fronteiras furam. Posso combinar infinitos textos escolhidos ou encontrados casualmente que acho em minha navegação, que nunca teria chegado a conhecer em técnicas anteriores. O *copyright* como monopólio rígido de instituições editoriais entra em crise com as novas tecnologias: posso citar tudo e todos sem ter de me submeter às compras tradicionais. Citando as fontes, o que é uma atitude correta inestimável, posso juntar textos antes inimagináveis. Agora os encontro no *e-space*. (CANEVACCI, 2005, p. 167-68)

---

<sup>5</sup> Dado disponível em: Martel, Frédéric: *Smart, o que você não sabe sobre a internet*. Editora Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2015.

Segundo Martel (2015, p. 82), sob muitos aspectos, “atualmente certo otimismo digital é dominante nos países emergentes”, o que justifica o crescimento dos próprios ambientes digitais no Brasil, incluídos aqui os novos aplicativos, plataformas e suportes de leitura. Conforme as recentes pesquisas, nosso país o que ocupa o terceiro lugar no ranking mundial cujos habitantes ficam maior tempo conectado pelo celular, logo podemos perceber que certas corporações e artistas compreenderam o altruísmo do desenvolvimento digital e inseriram no mercado aplicativos, clips, poesias, memes, enfim uma gama de conteúdo direcionado ao público leitor brasileiro, no intuito de incentivar e difundir seu trabalho.

Portanto, a internet se mostrou capaz de, além de visualizações, incorporou o outro e aproximou-o dos campos artístico e o escrito literário. No entanto, como pondera Santaella, o pós-humano, a era da mobilidade não indica literalmente a significação do prefixo, mas sim a junção do ser com algo:

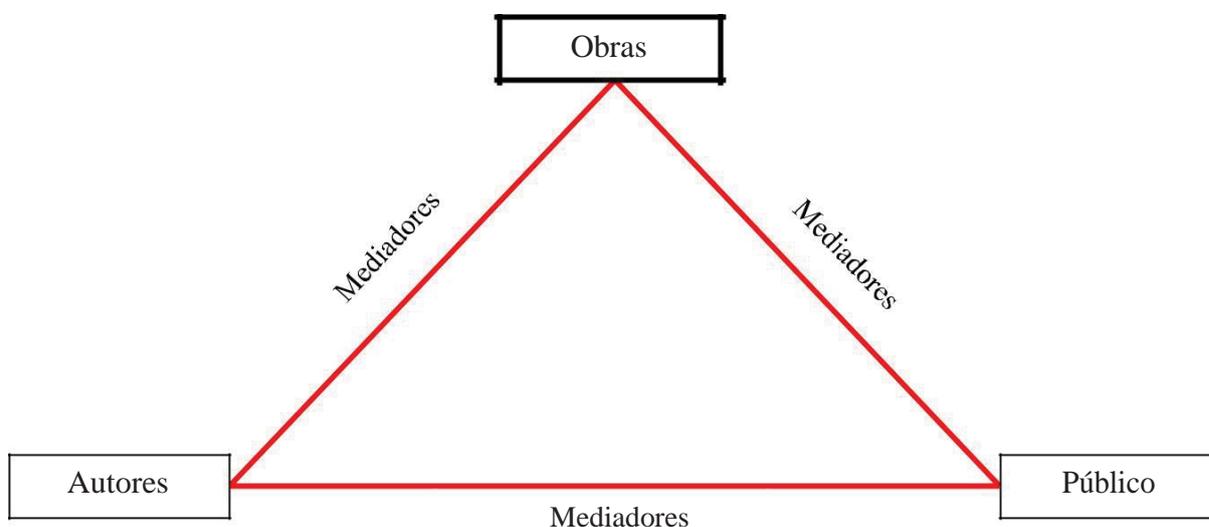
Em meados dos anos 1990, juntamente com o “pós-humano” sedimentaram-se na constituição da cibercultura emergente. O tema comum a todas essas expressões, tais como “autômato bioinformático”, “biomaquinal”, “pós-biológico”, encontra-se no hibridismo do humano com algo, maquínico-informático, que entende o humano para além de si. (SANTAELLA, 2007, pg.38).

Graças essa acepção crescemos um novo apontamento acerca da recepção poética nas redes: a crítica literária. Cabe mencionar que essa mutação, oriunda das redes, propôs ao ambiente da literatura uma alteração do tripé organizacional prontamente atribuído aos estudos de Antonio Candido.

No livro *Formação da literatura brasileira* (1959), Candido concebe o meio literário como parte de um articulado universo social, no qual obras transitam entre leitores e autores:

(...) um conjunto de produtores literários mais ou menos conscientes de seu papel, um conjunto de receptores, formando os diferentes tipos de público (...), um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem traduzida em estilos) que liga uns a outros. (CANDIDO, 1959, pg. 25)

Podemos considerar a partir do modelo de Candido, que as redes assumiram papel de mediadoras, pois concentram os textos e interligam leitores, autores e obras:



Evidentemente, como formula Foulcault (1984, pg.103) “o autor constitui um momento forte de individualização na história das ideias, dos conhecimentos, das literaturas, também na história da filosofia e das ciências”. Logo, as poesias em redes são resultado da individualização da escrita, no entanto expressam as manifestações de uma grande comunidade, de certa forma as poesias são um manifesto onde a leitura é a arma mortal.

Para Canevacci (2009), a sinkrética da literatura integra as ciências sociais, contaminando os gêneros com a subjetividade e a identidade do escritor, em um universo conectado mutuamente entre leitor escritor e autor leitor.

A tecnologia digital está favorecendo a criatividade, poderia favorecer a criatividade da pessoa, singular, mas também como “público”, para utilizar uma palavra que é talvez atrasada. Isso significa que o público, que era somente espectador, vem agora a ser *espect-ator*, isto é, uma mistura daquele que participa, mas que é também ator. *Espect-ator* significa a co-participação que desenvolve por meio de atitude performática no público, um *espectator* performático. Isto é, que não é mais passivo, mas é parte constitutiva da obra. Isso é muito claro no desenvolvimento da tecnologia digital. (CANEVACCI, 2009, pg. 12)

Portanto, textos que se encontram dispostos nos mais variados aplicativos, configuram nossos novos coletivos e contextos poéticos. Coletivos, pois ligam usuários aos textos de forma grupal e contextual, pois abarca todo o conhecimento de mundo do escritor, implicando na sua poesia um espelho da realidade.

Dessa forma, a realidade foi transportada à rede, para além da *selfie*, nesse caso poético. A literatura se espalha e contribui para a difusão da leitura e como consequência, a formação do leitor. Já que influenciado pelo discurso em questão, o sujeito tende a buscar por outros escritos, metaforicamente falando: esse universo funciona como um jogo de cartas na vertical, já que quando uma cai dá acesso à outra e assim sucessivamente. Isso ocorre com o leitor, pois ao passo que chega, por meio de ondas polifônicas, ao texto poético, percebe possíveis ligações com outros escritos e, nesse jogo de descoberta, passa a buscar sucessivamente por outros escritos, alimentando, assim, seu acervo de leituras:

A cultura como estilo de vida é cada vez mais parte constitutiva da nova metrópole. Para entender essa nova metrópole é fundamental olhar o tipo de reforma, não somente urbanística, mas dos edifícios, das lojas, e especialmente de museus, dos lugares de exposições (CANEVACCI, 2009, pg. 10).

Conforme pontua Santaella (2008), um dos atributos do meio digital é a portabilidade, ou seja, a informação disponível em mobiles cada vez mais portáteis, potentes e associados a corporalidade do sujeito, a sua indumentária diária. A leveza do objeto é um ponto positivo, pois kindles, tablets, pendrives e sobretudo celulares fazem com que o texto torne-se uma topografia que o leitor percorre pelo uso de múltiplas funcionalidades próprias do espaço informacional na dinâmica de aplicativos e gadget cada vez mais personalizados.

Fato que justifica a abrangência da Slam Resistência, característico pela mobilidade a ubiquidade permitiu ao sujeito coparticipar, tornando-se atuante no processo de *Poetry On Facebook*:

Quando vamos a uma exposição de cultura digital, a uma instalação, estejamos sozinhos ou com outras pessoas, não conseguimos ficar parado, sentado, ou simplesmente olhando, precisamos participar, atuar. O corpo, no sentido também mental, é chamado a co-participar e, dessa maneira, co-produzir a obra. Esse fenômeno é muito significativo e importante. (CANEVACCI, 2009, pg.12)

Ou seja, o leitor incutido nesse universo dificilmente ficará indiferente permitindo assim a troca de informações e conhecimentos entre o poeta e o público. E, é claro, de forma instantânea e fluída, pois estamos falando de poesias dispostas em redes sociais em um mundo globalizado, interligado por *streamings* e *softwares* que evoluem constantemente.

Nesse capítulo abordamos questões referentes à formação das Slams, suas implicações nas lutas de forma plural e como se comportam esses textos na recepção dos usuários. A partir do próximo tópico elencaremos hipóteses acerca da leitura, das massas juvenis, do contato literário e da formação do ser quanto leitor, bem como atentaremos ao campo de estudo, o Facebook, no intuito de discutir o papel do indivíduo na era da mobilidade responsável pelas lutas eXtremas.

#### 4. Mobile e literatura: resistências extremas

Nos capítulos anteriores nos preocupamos em elencar ponderações acerca da ubiquidade nas redes invisíveis, bem como discutir o surgimento das Slams como forma de difusão literária. A partir de agora, discutiremos questões relativas à literatura no meio eletrônico e como essa vertente literária aproxima os jovens do escrito literário num processo expandido de interação e resistência.

Ao discutir o ambiente que permeiam os textos e, conseqüentemente tomando a concepção de que todo escrito um dia foi digital, percebemos a necessidade de abordar as relações entre as culturas e a própria literatura dentro da perspectiva do pós-humano, já descrito anteriormente. Tendo, pois, o pós-humano como a junção do ser mais a máquina ponderamos a existência da hibridização entre as culturas, ou seja, ao passo que eu escrevo e publico nas redes meu escrito inunda o ciberespaço de subjetividade, tornando o ambiente cibernético um ecossistema indubitavelmente polifônico.

O discurso das redes é polifônico devido ao próprio ato da comunicação, na qual ocorrem, em sua grande maioria, no contexto urbano intercambiando informações e pensamentos. Em *Cidades Polifônicas* (1942), Canevacci traça um ensaio sobre a antropologia a luz da comunicação urbana, segundo o autor:

Nesse duplo processo de seleção e tradução a comunicação urbana é dialógica: é um perguntar e responder, um dar e receber. A arte de se escutar entre duas subjetividades é refinadamente antropológica. (...) Somente é possível passar à interpretação depois desta disposição mental interativa a acolher e solicitar o murmúrio (CANEVACCI, 1942, pg. 37).

A respeito do duplo processo de seleção e tradução, primeiramente é necessário abordar a questão de decodificação da mensagem, pois a partir dessa é que surgem as interpretações oriundas da criatividade existente na materialidade, ou seja, a decodificação permite diagnosticar aspectos superficiais dos escritos poéticos.

É inegável a existência de diferentes significações atribuídas aos signos linguísticos que permeiam a poesias. Na arena das ideias o poeta faz alusão a escritos literários brasileiros consagrados, percebemos que vai além de uma intertextualidade, já que algumas poesias retomam o trocadilho, as rimas finais, o conjunto de estrofes...

Logo existe a recuperação de um discurso produzido, o posicionamento e escrita polifônica, onde múltiplas vozes duelam subjetivamente.

Nessa perspectiva, as poesias fazem parte de um ambiente regado de ideias e indagações movidas pelos usuários, no caso dos textos analisados podemos dizer que cada verso corresponde a um grito social impregnado na garganta do escritor. Mas o que de fato nos levou a conclusão associativa entre *Poetry On Facebook* e ecossistema?

O fato principal está na própria evolução social, atualmente a grande maioria dos leitores nasceram ou se tornaram ubíquos, como já comentamos no primeiro capítulo, esse leitor possui uma capacidade cognitiva poderosa, sendo assim consegue, por meio das metrópoles e suas linguagens multifacetadas, realizar e usufruir do ato de ler prazerosamente.

Outro ponto está no próprio ambiente onde as poesias estão dispostas: o ciberespaço. Graças a esse ambiente as materialidades circulam e misturam subjetividades, ao passo que usuários trocam informações entre si.

Conforme Lévy (1997):

As realidades virtuais servem cada vez mais como mídia de comunicação. De fato, várias pessoas geograficamente dispersas podem alimentar simultaneamente uma base de dados por meio de gestos e, em retorno, receber dela informações sensoriais. Quando uma das pessoas modifica o conteúdo da memória digital compartilhada, os outros percebem imediatamente o novo estado do ambiente comum. Como a posição e a imagem virtuais de cada um também encontram-se gravadas na base de dados, cada vez que um dos parceiros se move ou modifica a descrição de sua imagem, os outros percebem seu movimento. (LÉVY, 1997, pg. 116).

Ou seja, o papel de autor das poesias se funde com o do leitor criando-se um movimento entre ambos de recuperação e ressignificação do discurso. Dessa maneira, o estado de ambiente comum, acima citado por Lévy, configura um sistema interligado de dados compartilhados de forma imediata.

A partir das ponderações de Piscitelli (2002, pg. 26 apud Santaella) a hipermídia se assume como “conglomerado de informações, são novos guias para a compreensão individual e grupal”, portanto unindo tais ponderações percebemos o motivo pelo qual a rede é um ecossistema sustentado de subjetividades. Consegue-se chegar a tal concepção à medida que percebemos a real significância da hipermídia, pois a partir dela podemos conceber as redes como tecedora de significâncias multidimensionais.

Parafraseando Santaella (2007), a hipermídia assume significância no movimento de significação e hibridização da linguagem:

- Hipermídia quanto hibridização da linguagem: a partir desse fenômeno é possível perceber a linguagem como movimento de significação e ressignificação. O que aflora um misto de sentidos, concepção implicada por Saussure na teoria do valor do signo linguístico<sup>6</sup>.
- Hipermídia e informações: há nas redes um fenômeno dialógico, que por meio de textos completos ou fragmentados implica do outro a réplica a partir de um discurso produzido. Ou seja, ao mesmo tempo em que um texto é concebido na arena polifônica, a leitura também contempla tal característica, já que o leitor atento é capaz de produzir inferências e recuperar discursos antes produzidos, atribuindo o valor linguístico dentro do discurso, de acordo com o seu conhecimento de mundo.

Daí a noção de ecossistema, ao passo que as redes hibridizam as informações, também exploram os diferentes valores que podem ser atribuídos ao signo linguístico no movimento da enunciação, tanto oral quanto escrito. Em outras palavras, as redes unem de comum acordo, tanto leitor quanto autor em uma arena de ressignificações da linguagem, afinal muitas vezes a própria poesia possui signos convencionados como injúrias, mas que, naquela situação, surgem como um grito das minorias.

Para entendermos a relação anteriormente disposta é necessário voltarmos ao que ponderava Saussure a respeito do valor linguístico:

No interior de uma língua, todas as palavras que exprimem ideias vizinhas se limitam reciprocamente (...). Inversamente, existem termos que se enriquecem em contato com os outros. (...) Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia. (SAUSSURE, 2012, pg. 163).

---

<sup>6</sup> Quando toma a palavra Saussure menciona que o valor está relacionado a fatores dessemelhantes (a troca por palavras ou conceitos semelhantes), semelhantes (oposição entre as palavras). Contudo “seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela”. (CLG, 2012, pg. 162).

Assim como hibridizam culturas e línguas, as redes regam o ciberespaço de valores linguísticos mobilizados na reciprocidade, já que criador e criatura estão interligados dentro da transversalidade dessas redes com o leitor, a partir dos filtros dispostos na própria coletividade digital. Mas o que de fato é a literatura eletrônica e como essa, por meio das relações de leituras, faz das redes um ecossistema regado de significações?

Quando pensamos em textos literários temos em mente escritos cujas origens se atribuem as velhas bases. No caso das poesias orais no Facebook podemos reconhecer questões referentes ao próprio caráter do gênero – desde a concepção primeira de Aristóteles até as recentes pesquisas que a correlacionam ao ciberespaço –, pois carrega versos, ritmo, e linguagem própria, no intuito de revelar à essência e a pura manifestação do ser humano, num acorde de palavras que embebedam até os olhares desavisados, por meio do discurso convencionado dentro das toadas de estrofes e versos.

Bakhtin, em *Estética da Criação Verbal*, discutia questões referentes à construção relativamente estável dos escritos. Seguindo seu raciocínio, podemos concluir que o homem modela a materialidade linguística, se apropria da língua e emite suas colocações. A partir disso, podemos perceber que há uma espécie de cristalização na manifestação de cada enunciação e, por esse motivo, cunhamos a poesia no Facebook como uma materialidade literária. Segundo o autor quando se opta por um discurso poético, como é o caso, o ser como autor irá convencionar seu escrito a certas bases já conhecidas e características de tal enunciação.

Falamos apenas através de determinados gêneros do discurso, isto é, todos os nossos enunciados possuem formas relativamente estáveis e típicas de construção do todo. (...) Até mesmo no bate-papo mais descontraído e livre nos moldamos o nosso discurso por determinadas formas de gênero, às vezes padronizadas e estereotipadas, às vezes mais flexíveis, plásticas e criativas (BAKHTIN, 1997, pg. 282).

Ao passo que o discurso é categorizado, também são caracterizados os textos nas plataformas digitais. Dessa maneira, as poesias dispostas no Facebook são caracterizadas pela natureza não profissional, ou seja, são frutos de poetas ainda não reconhecidos ou que não possuem uma gama de trabalhos publicados. Embora as reuniões a céu-aberto permitam o contato e o reconhecimento, muitos dos escritos acabam ficando na praça ou circulando em vídeos no Facebook durante algum tempo.

Como pondera Santaella (2013), as redes são “o novo habitat da escrita”, pois ligam leitores e autores dentro dos princípios da interação na comunicação. Ou seja, por meio do texto, das poesias, leitor e autor se aproximam e dão início a um percurso de significações no espaço das reações, dos comentários e das visualizações, porque todas as poesias podem possuir reações. Logo se subentende que existiu uma troca entre locutor e interlocutor, dessa relação dialógica surge o questionamento: quem é o autor e até que ponto ele é o “dono” do escrito?

Como mencionamos no primeiro capítulo, existiu uma evolução quanto aos registros digitais, ao mesmo tempo é preciso levar em consideração que todo escrito já foi digital. Tanto os materiais impressos quanto digitais foram resultado de digitação, edição, digitalização. Coexistem, dessa forma, de uma mesma fonte e justamente por isso deveríamos nos adaptar a era do mobile e perceber que o grande ponto é a praticidade, afinal o texto está ao alcance de todos a partir do toque.

A literatura eletrônica pode ser todo e qualquer material disponível para leitura. Desde o livro até a poesia das Slams, pois sua concepção e distribuição implica o suporte tecnológico, podendo ser diferenciada a partir do habitat, já que algumas vivem em estantes, as outras se distribuem no invisível das redes.

Consequentemente, legitimar o livro como única manifestação literária é um equívoco, assim como legitimar somente o material eletrônico. Cada um tem as suas características especiais, suas limitações e suas vantagens. No entanto é preciso compreender que blogs, youtubers e páginas no Facebook, por exemplo, se tornaram auxiliares para ligar o jovem à leitura, quanto para despertá-lo ao universo da escrita, pois diariamente eles estão conectados e visualizando tal material – logo, estão lendo.

Cabe, portanto, delimitarmos a busca, ou seja, categorizar e filtrar os acessos, assim como existem obras inapropriadas para certa idade há o conteúdo digital inapropriado. Essa discussão, contudo, não será contemplada nesta pesquisa, já que buscamos refletir sobre os textos poéticos em rede social, sem explicar acerca de medidas e filtros de pesquisas, no universo do letramento tecnológico.

A segunda questão desse capítulo tratava das questões relativas à leitura. Primeiramente é necessário salientar que a página **Slam Resistência** é formada por um público jovem, isso porque tanto quem lê quanto quem escreve, na maioria das vezes, são jovens interagindo por meio da invisibilidade e recriando significações para o mundo. Assim, estamos tratando de um movimento jovem e participativo nas redes em relação à literatura.

Partimos do pressuposto que o jovem é leitor, pois a partir do movimento de democratização das leituras, que vivemos hoje, os registros estão ao alcance de todos os usuários do ciberespaço. Michèle Petit, em *Os Jovens e a Leitura* (2008), tece questões relativas ao que de fato está em jogo na leitura hoje em dia. A partir de suas considerações, assim, queremos discutir três desses aspectos principais relativos ao processo do conhecimento por meio do ato de ler.

Segundo a pesquisa da autora o primeiro aspecto está vinculado ao *acesso do saber*, levando em consideração que auxiliamos os jovens na construção de um capital cultural e, por isso, é fundamental que, como professores, possamos incutir no aluno o prazer pela leitura. Conforme a autora “ler para ter acesso ao saber pode permitir que a pessoa mantenha o domínio sobre o mundo tão inconstante, sobretudo por meio de diversos suportes de informação escrita”.(PETIT, 2008, pg. 64).

O segundo aspecto da leitura aborda a questão da frequência: *apropriação da língua*. Nesse caso, possuímos algo relativo à desenvoltura do indivíduo em relação aos demais. Ao passo que domina questões relativas à leitura e escrita o jovem também é capaz de explorar sua competência comunicativa na fala de forma positiva. Sabemos do poder da língua e como ela pode assegurar o prestígio social por meio da competência do ser no processo da conversação, como diz Benslama: “Com a literatura, passamos de humanidade feita pelo texto a uma humanidade que faz texto”. (Apud Petit, 2008, pg. 71).

E, por fim, o terceiro fator está relacionado à *construção de si próprio*. Fica claro nesse item que estamos tratando da construção de identidade por meio da língua, da linguagem e da leitura, pois quando o jovem adentra pelo campo do conhecimento constrói seu mundo a partir de suas experiências, seu contexto social e sua cultura. Recolhendo fragmentos aqui e ali, obras densas ou curtas, *posts*, imagens, publicidades, poesias nas redes, enfim entrando em contato com diferentes formas de escrita, o jovem se constitui leitor, nem sempre enjaulado em uma biblioteca ou com um denso livro nos braços, mas captando ao seu redor as informações dispostas.

Assim temos um leitor ubíquo que significa e contrapõe valores ao seu redor, a ponto de registrar sua identidade nos próprios escritos em rede, o leitor de literatura individualiza-se pelo contato com a palavra artística, retirando-se dos fechamentos identitárias e das comunidades sem abertura. É capaz de tornar-se um nômade, um captador de valores e influências, um visitante crítico às demais alteridades. O leitor é um sujeito aberto ao diálogo e à polifonia.

Agora nos delimitaremos, em episódios, a descrever as materialidades suas lutas e cores, dentro da invisibilidade das redes, a partir de então analisaremos netnograficamente três poesias dispostas na página **Slam Resistência**, para compreendermos o motivo pelo qual esse movimento reacionário difunde “sabotagem sem massagem na mensagem”.

## **5. Slam Resistência: a arte de confrontar**

A literatura sempre foi um movimento que uniu as artes em torno da linguagem e do contexto social e, assim, possibilitou um processo de transformação da escrita e reconhecimento por parte de quem lê, já que transcreve a realidade como um espelho disposto em prosa ou em verso. Michel Foucault assegurou que “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo pelo que se luta, o poder de que queremos nos apoderar” (FOUCAULT, 2008, p.10). No caso das Slams a literatura se apodera do embate social, da arena das ideias e das mazelas que afligem as minorias, ao passo que empodera os usuários por meio da representatividade nos escritos.

Nesse contexto representativo e com ares de protesto é que a literatura marginal adentra o ciberespaço. A partir do Facebook as poesias são difundidas e compartilhadas por diferentes usuários que simpatizam por tal discurso, que tem por DNA os porões da manifestação da linguagem humana.

Vimos acontecimento semelhante se instaurar no movimento de contracultura, concebido no final da década de 1960, nos Estados Unidos da América. Esse processo histórico procurou contrapor toda e qualquer forma de cultura dominante, na intenção de revolucionar a situação socioeconômica, mas, sobretudo, propiciar o entrelaçamento de novas formas de significar o mundo e o contexto local. No Brasil, esse movimento surge em virtude da repressão e infortúnios sociais oriundos do período da ditadura militar. Aqui essa manifestação foi caracterizada pelo intuito do jovem em ser transformador da sua realidade, ao passo que protesta e luta com as armas da sua arte.

Mas qual é a relação existente entre redes e coletivos poéticos somados a contracultura? O fato está na semelhança entre os objetivos de cada grupo. Ao passo que os jovens se reúnem em praça para declamar suas poesias, no intuito de questionar o contexto político, econômico e social em que se encontra o país, os adeptos da contracultura utilizavam-se do mesmo objetivo: desmistificar a soberania da classe dominante, enquanto provoca a igualdade e representatividade por parte das minorias sociais.

Passamos, então, a discutir e tecer breves análises sobre as poesias dispostas na página **Slam Resistência**. Em três episódios, discutiremos o perfil desse movimento periférico literário que se molda ao alcance de todos nas redes invisíveis. Cabe antecipar que todas as poesias conclamam mais de uma temática, no entanto tomou-se como base o assunto principal, ou seja, a questão social fomentadora das discussões na Praça Roosevelt, pois apesar dos encontros serem delimitados por um tema central, a poesia é a expressão do ser humano, logo não se pode amputar-lhe as asas ou arrancar-lhe o coração.

### 5.1 Sabotagem Sem Massagem Na Mensagem: Slam Resistência e o feminismo.

*"Sejam mulheres, permaneçam mulheres, tornem-se mulheres". (BEAUVOIR, 1970, pg.07)*

Figura 4. QR Code do vídeo: Desconstruído, Jade Fanny.



Fonte: Conversão do autor a partir de [www.youtu.be/lgyn9UwYByE](http://www.youtu.be/lgyn9UwYByE).

No Brasil o feminismo surgiu como um movimento de cunho social, que mantém como objetivo a igualdade de direitos entre homens e mulheres, a segurança e o respeito pelo corpo e desejo do público feminino. Em 1832<sup>7</sup>, por exemplo, ao escrever *Direitos das mulheres e injustiça dos homens*, Nísia Floresta dá o primeiro passo, ao tratar dos direitos das mulheres vinculados à instrução e ao trabalho, nesse registro, a autora reivindica a sociedade o respeito que as mulheres merecem. No entanto, somente em 19 de Abril de 1879, as mulheres são autorizadas a cursar o Ensino Superior.

---

<sup>7</sup> Dados coletados a partir do site: <http://feminismo.org.br/historia/>. Nele percebemos uma linha do tempo acerca do movimento feminista ao redor do mundo.

Em 1949, Simone de Beauvoir lança o livro *O Segundo Sexo*, considerado um dos mais importantes escritos feministas já registrados. Segundo Beauvoir, a mulher aparece como o negativo, um ser sem reciprocidade, sem subjetividade, enfim um ser errado:

A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação, sem reciprocidade. Agastou-me, por vezes, no curso de conversações abstratas, ouvir os homens dizerem-se: "Você pensa assim porque é uma mulher". Mas eu sabia que minha única defesa era responder: "penso-o porque é verdadeiro", eliminando assim minha subjetividade. Não se tratava, em hipótese alguma, de replicar: "E você pensa o contrário porque é um homem", pois está subentendido que o fato de ser um homem não é uma singularidade; um homem está em seu direito sendo homem, é a mulher que está errada (BEAUVOIR, 1970, pg.09).

É contra esse pensamento que movimentos ao redor do mundo alcançaram direitos e visibilidade ao público feminino. No entanto, os índices de violência contra a mulher no Brasil trouxeram a tona essa discussão acerca dos direitos, do respeito e da subjetividade da mulher dentro da sociedade patriarcal em que vivemos.

Como já mencionamos, as Slams surgem a partir de um extremo social, contrapondo as classes dominantes e exaltando as posições das minorias. Em movimentos de *spoken-word*, ao ar-livre, os poetas se enfrentam defendendo suas poesias perante um júri formado pelos populares que frequentam a Praça Roosevelt. Logo, o candidato que possuir a maior soma de notas poderá defender seus textos na final, que geralmente acontece nos meses de novembro. Em novembro de 2016, Jade Fany foi a vencedora com a poesia *Desconstruído*, a qual analisaremos a partir de agora.

Conforme pontua Canevacci (2013), a cultura não representa mais um universo unitário, mas sim algo descentrado, fragmentado e conflitual. Dessa maneira, a cultura é o fator principal pelo qual se questionam velhas concepções sociais, em que a partir das perspectivas sincréticas, se busca a ubiquidade identitária:

O sucesso das perspectivas sincréticas se deve à interrupção das temáticas antropológicas nos principais terrenos como a contemporaneidade, graças as modificações trazidas ao seu adjetivo qualificador disciplinar: a cultura.(CANEVACCI, 2013, pg. 31)

Tomemos a materialialidade linguística *Desconstruído*, autoria de Jade Fany:

Então cença aqui,  
eles vivem dizendo que sou folgada mas ó,  
hoje até licença eu pedi  
Já ouvi, vários deles rimar sobre poder pras minas  
Mas me intriga, por que após vem sempre àquela frase: "Ela  
poderia ser sua filha".  
Mãe, esposa, irmã, prima  
Parece ser algo de 50 anos atrás, mas não, ainda hoje se estivermos  
sozinhas

no espaço público ou privado sem que um homem nos  
acompanhe, há algo de errado  
Até que ponto é inconsciente seu psiu na rua?  
Até que ponto é considerada normal sua conduta?  
Atração?  
Imposição, socialização  
Impulso?  
Abuso! Me recuso  
Mas tenho que sair de casa todos os dias traçando rotas mentais  
mais seguras tendo que calcular segundos, minutos, horas.  
Pra que de tempo de chegar em casa ao final do dia sem ter  
sido violentada FISICAMENTE  
Porque no primeiro passo que dou pra fora sou bombardeada  
por agressões as faladas,  
as olhadas,  
as silenciadas...  
Mas ok, de acordo com a poesia se eu não for da sua família  
MEREZIA  
Afinal quem mandou sair de casa sozinha?  
Normalmente eu não presto,  
mas prestei atenção no seu verso que dizia,  
se ela quer dar, deixe que dê mesmo, sem dó, sem medo  
e entendi nas entrelinhas que você só é à favor disso se  
também estiver comendo  
e cês adora dizer que deve se respeitar uma mulher por ela poder  
ser mãe se na real quem merece palmas são vocês que podem ser pais  
Que se não quiser assumir tem liberdade de mete o pé e sai  
vazado em paz Se não fosse trágico, seria engraçado.  
Chegou no sarau, em uma mão o mic na outra ergueu o punho  
serrado  
gritou pra todo mundo ouvir que era pelo "FIM  
DO PATRIARCADO".  
Falou de primavera feminista na camiseta? escrito  
#FRIDAQUERIDA  
Mas conhece um cara que quando bebê fica agressivo  
já bateu na companheira duas vezes, mas fazer o que se ele é seu  
amigo...  
Faz now pow, deixou a barba crescer, acredita na luta de  
classes E pra lavar uma louça? Os bonito num tem coragem Ja  
leu Simone de Beauvoir, admira Dandara,  
fala de Maria bonita acredita em Iemanjá  
e não tem vergonha na cara  
Não admite receber não de mulheres,  
e alimenta a disputa  
se é contrariado sai chorando e diz que é tudo puta  
Seus relacionamentos são à base do amor livre  
Magnetiza mulheres de baixa autoestima pro ranking.  
Usa como desculpa pra manter sua masculinidade aflorada e  
perfeita se a proposta dela for com outra mulher tem fetiche E se for  
com outro homem não aceita?  
É a sua máscara caiu  
a sua atuação de desconstruído faliu  
a sua construção te destruiu, tu viu?  
Que não adianta querer ganhar biscoito por ser o melhor do  
coito, pica das galáxias, o rei delas porque a gente sabe,  
que o autor do seu livro sobre feminismo é conhecido como  
Dado Dolabella<sup>8</sup>.

<sup>8</sup>Transcrição nossa, respeitando as variações e expressões da poesia em análise.

Dessa maneira, em *Desconstruído*, o eu-lírico tece questões vividas por grande parte das brasileiras, já que dentro do universo patriarcal a mulher luta cotidiana para fazer valer seus direitos. Conforme Santaella (2007, pg. 91), “é através da linguagem que o ser humano se constitui como sujeito e adquire significância cultural. Os tipos de carga que a sociedade impõe ao indivíduo, a natureza e o domínio produzem seus efeitos na linguagem”, logo é possível perceber que o contexto social é o principal motivo pelo qual a poesia possui dada carga semântica na linguagem poética, esboçada anteriormente: “E pra lavar uma louça? Os bonito num tem coragem”.

A escolha dessa poesia está relacionada diretamente a construção e argumentação que a autora contempla no todo organizado de sentidos que é a poesia. Embora seja um texto não profissional, os elementos disponíveis na materialidade unem o conhecimento de mundo e o próprio cotidiano enfrentado por muitas mulheres brasileiras. Composto por uma linguagem informal, o texto aproxima e encara as mazelas sociais femininas impondo que o valor da mulher vai além daquilo que os outros indivíduos pensam: “Normalmente eu não presto, mas prestei atenção no seu verso”.

Conforme Santaella (2007), existe no ciberespaço um processo de transmutação de identidade, ou seja, o “eu” dentro das relações implicadas, é capaz de brincar com a realidade até o limite da metamorfose identitária:

A novidade do ciberespaço não está na transformação de identidades previamente unas em identidades múltiplas, pois a identidade humana é, por natureza, múltipla. A novidade está, isso sim, em tornar verdade evidente e na possibilidade de encenar e brincar com essa verdade, jogar com ela até o limite da transmutação, da metamorfose; enfim, da mutamorfose identitária. (SANTAELLA, 2007, pg. 97)

Convencionamos esse fator pela maneira com que os argumentos são costurados, já que neles se detalha as máscaras que cobrem as faces machistas da sociedade. A partir do segundo e terceiro verso, percebemos que o referente “compactua” da mesma concepção ideológica, já que chegou ao sarau e abordou em seu poema questões como primavera feminista, fim do patriarcado e luta das classes, no entanto ao tecer da poesia percebemos que tudo não passava de aparência, já que “Mas conhece, um cara que quando bebe fica agressivo já bateu na companheira duas vezes, mas fazer o que se ele é seu amigo”, ou seja, o referente não se posiciona frente à agressão, ao passo que surge a possibilidade dele mesmo ser o agressor.

Entre os versos percebemos que a poesia aborda questões como:

- Independência feminina: “Ainda hoje se estivermos sozinhas no espaço público ou privado\sem que um homem nos acompanhe, há algo de errado”.
- Assédio: “Até que ponto é inconsciente seu psiu na rua?\Até que ponto é considerada normal sua conduta?”.
- Violência Física: “Pra que de tempo de chegar em casa ao final do dia sem ter sido violentada FISICAMENTE”.
- Violência Verbal: “Porque no primeiro passo que dou pra fora sou bombardeada por agressões\ as faladas, as olhadas, as silenciadas...”.
- A Indiferença Social: “Já bateu na companheira duas vezes, mas fazer o que se ele era seu amigo...”.
- As Aparências Sociais: “Já leu Simone de Beauvoir, admira Dandara, fala de Maria Bonita e acredita em Iemanjá”.
- Machismo: “E pra lavar uma louça? Os bonito não tem coragem”.

Segundo Maingueneau, existem tribos invisíveis, que são resultado das semelhanças e modos de vida convergentes, que desempenham papel na arena da literatura. Assim é a Slam, uma tribo constituída pela arte de contar a realidade por meio de versos e, sucessivamente, dispor seu contexto social em redes invisíveis. Desse modo, o grupo converge suas ideias a outras perspectivas, libertando o escrito para os mais deferentes campos do ciberespaço:

A existência de uma tribo literária não implica necessariamente frequentar sempre os mesmos lugares. Ela pode resultar de trocas de correspondências, de encontros ocasionais, de semelhanças nos modos de vida, de projetos convergentes... Há assim certo número de “tribos invisíveis”, que desempenham um papel na arena literária, sem por isso assumirem a forma de um grupo constituído. (MAINGUENEAU, 2012, pg. 96).

Ao tratar das tribos digitais é necessário perceber o momento de transgressão social que estamos vivendo. Canevacci (2013, pg. 31) pontua que o sincretismo cultural “investe, dissolve e remodela a relação entre os níveis alheios e familiares, entre culturas de elite, de massa, de vanguarda e digitais”. Logo, o novo século XXI exprime conflitos em diferentes áreas do contexto social, já que ao dissolver os níveis insere o questionamento do sujeito em relação ao seu contexto social.

## 5.2 Sabotagem Sem Massagem Na Mensagem: Slam Resistência e o preconceito.

*Triste época! É mais fácil desintegrar um átomo do que um preconceito. (Albert Einstein)*

Figura 5. QR code do vídeo: Eternos Suspeitos, intervenção poética.



Fonte: [www.facebook.com/slamresistencia/videos/152188388456992/](http://www.facebook.com/slamresistencia/videos/152188388456992/).

Comentamos em capítulos anteriores a ligação da Slam com as questões sociais. Pois bem, nessa materialidade os autores Benks Spin e Cérebro Iop trazem na poesia o questionário acerca dos suspeitos sociais. Esse vídeo é resultado de uma intervenção poética na câmara municipal de São Paulo, ainda nesse ano. Os autores abordam questões voltadas à arte, trazendo como suspeitos os próprios moradores da comunidade em que vivem.

Armados de livros os autores adentram o ambiente e surpreendem a todos com gesticulações e frases propriamente ditas de um assalto a mão-armada. Em suma, a intervenção desenrola-se e descobrimos o propósito implicado na poesia: os poetas periféricos são eternos suspeitos, que não comentem crimes, mas pelo estereótipo social são considerados marginais perfeitos.

Ao mesmo tempo em que a poesia *Eternos Supeitos* relata questões acerca do preconceito, também conclama outros posicionamentos em relação ao direito e acesso à cultura, o livre arbítrio e a manifestação da expressão do ser humano, dentro da esfera social. A discussão é pertinente a partir do momento em que nossa sociedade é estruturada em pilares preconceituosos, ao passo que oprime as minorias e as abandona perante os direitos sociais.

Desde o período colonialista a classe dominante vê nas minorias suporte para enriquecer e dispor de mão de obra barata. O fato é que mesmo a abolição da escravatura ter sido assinada há muito tempo atrás, o condicionamento social do negro não teve significativas melhoras. Vivemos em épocas difíceis, onde pertencer a um grupo não privilegiado não garante a sobrevivência. Conforme Gomes:

Lamentavelmente, o racismo em nossa sociedade se dá de um modo muito especial: ele se afirma através da sua própria negação. Por isso dizemos que vivemos no Brasil um racismo ambíguo, o qual se apresenta muito diferente de outros contextos onde esse fenômeno também acontece. O racismo no Brasil é alicerçado em uma constante contradição. A sociedade brasileira sempre negou insistentemente a existência do racismo e do preconceito racial, mas, no entanto as pesquisas atestam que, no cotidiano, nas relações de gênero, no mercado de trabalho, na educação básica e na universidade os negros ainda são discriminados e vivem uma situação de profunda desigualdade racial quando comparados com outros segmentos étnico-raciais do país”. (Gomes apud Assis, 2005, p 46).

Podemos, a partir da materialidade linguística ressaltada, perceber o que convencionava Canevacci a respeito da liberdade sincrética:

Sincrética oferece junções de obras diversificadas, desenvolve deliberações através do estuor metodológico. Sincrética arranca a liberdade de uma definição genérica, pratica-a no hoje-futuro, multiplica-a nas diferentes manifestações diferenciadas e cruzadas. Nesse sentido, liberdade sincrética se aproxima do manifesto e procura abandoná-lo enquanto projeto unificado. (CANEVACCI, 2013, pg. 55).

Tomemos, então, a materialidade *Eternos Suspeitos*:

Sei que o clima aqui é tenso  
Mas isso aqui não é um assalto  
E quem é contra o orgulho e preconceito  
Dá um grito e levanta a mão pro alto.  
Eternos suspeitos,  
Não tem jeito  
Mesmo que eu penteie meu cabelo  
Ou o arrume direito  
Não tem jeito  
Sempre seremos suspeitos  
Esse estereótipo a gente carrega encravado em nosso peito  
Eternos suspeitos  
Somos frutos do que a sociedade sabe fazer de mais direito  
Marginais perfeitos  
Eu não quero, nem eu  
Mas sabemos que por ti, doutor  
Nunca seremos aceitos  
O seu preconceito  
Nos tira o direito  
De sermos tratados com respeito  
Já que tudo em nós te incomoda  
Não usamos Armani  
Nossas roupas são simples  
Não seguimos a sua moda  
E o nosso dialeto simples e direto  
Nada formal

Te causa angústia  
Dor de cabeça  
Confusão mental  
Não fazemos parte do seu castelo de ilusões  
Mas ainda tão preconceituoso, racista, homofóbico, safado  
Fica sossegado!  
Somos apenas suspeitos  
Ainda não somos os ladrões  
Infelizmente ainda é assim que a sociedade nos vê  
É por isso que a nossa missão  
É para que os livros cheguem antes das armas  
Morô?

Primeiramente é necessário descrever o espaço global em que se encontram tais poetas, sendo assim ressaltamos que em casos específicos há a difusão dos escritos fora dos saraus, justamente porque nesse caso, ambos estão utilizando da criação literária para serem ouvidos dentro da câmara municipal de vereadores.

Suspeito, literalmente, é aquele indivíduo de cujas boas qualidades se duvida ou que parece esconder defeitos ou vícios. Dessa maneira, os autores se auto intitulam eternos suspeitos, ou seja, sempre haverá dúvidas perante seus caracteres, sobretudo sobre suas ações. No entanto, a poesia conclama os “marginais perfeitos”, que apesar de serem suspeitos ainda não “são os ladrões”, afinal “não usam Armani, as roupas são simples, não seguem a moda da classe dominante e o dialeto nada formal”<sup>9</sup>.

Segundo Reyes, os movimentos sociais contemporâneos buscam questionar a noção de democracia, muito além da política de votos, mas a cobrança do então estado democrático de direito:

A noção de comunidade, aliás, como aponta Zibechi, é bem diferente daquela dos “grupos sociais”, tais como são entendidos pela cultura da “luta contra a pobreza” e das políticas sociais. A comunidade baseia-se na experiência comum das relações íntimas e recíprocas exercidas em um território. (REYES, 2013, pg. 241).

Nesse contexto, Spin e Iop tecem uma materialidade onde à luz dos preconceitos, que estão impregnados da sociedade brasileira atualmente, os faz apenas eternos suspeitos. Nessa perspectiva, mesmo que mudem a aparência ou as roupas ainda se manterão como eternos suspeitos, já que o preconceito cegou as pessoas e, por isso, fazem um pedido: “Que os livros cheguem antes das armas, morô!”. E então percebemos o intuito da poesia, projetar a problemática vivida por uma comunidade dentro de um universo preconceituoso e opressor o qual se encontra o Brasil, em pleno século XXI.

---

<sup>9</sup>Trecho retirado da poesia “Eternos Suspeitos”.

Se tomarmos as considerações de Bakhtin (2010, pg.33), no que diz respeito à ideologia do signo linguístico, perceberemos que a realidade não está implicada de forma reflexiva, mas como própria fragmentação do contexto social. Nessa perspectiva, o texto paira em rede disseminando e unindo universos subjetivos, ao passo que polifonicamente, a identidade, tanto do leitor quanto do autor, nunca é idêntica, mas inventiva, ao passo que existe uma constante troca informacional das temáticas abordadas em cada poesia.

Conforme mencionamos em outros episódios, existem nas redes dois princípios dialógicos fundamentais: a expressividade e a alteridade. Atrelada a essa noção, Canevacci (1942, pg.35), menciona que “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar entre lançar entre estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados”. Dessa maneira, se concebe a formação do leitor por meio do processo de *poetry on Facebook*.

Pois, ao entrar em contato com dado vídeo, o sujeito vai ao encontro de outro universo, assim, visita outro lugar, desterritorializa-se da forma clássica e individual da leitura. Concebendo outras noções de leitura e literatura, a perspectiva, propenso a viajar em outras diversidades étnicas, ideológicas e sociais.

### **5.3 Sabotagem Sem Massagem Na Mensagem: Slam Resistência e FORA**

#### **TEMER!**

*“Na parede da memória esta lembrança  
É o quadro que dói mais...”  
(Belchior, 1976)*

Figura 7. QR code do vídeo: Grande final do Slam Resistência 2016.



Fonte: [www.facebook.com/slamresistencia/videos/1212769128805804/](http://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1212769128805804/).

O vídeo acima codificado mostra a apresentação de Lucas Afonso, um dos finalistas do Slam 2016. Ali se lê uma poesia periférica que reúne grande parte das problemáticas sociais e políticas do país. Com cerca de 47 mil reações, 44,4 mil compartilhamentos e 1,9 milhões de visualizações<sup>10</sup>, sem dúvida, essa é uma das mais famosas poesias vinculadas na página **Slam Resistência**.

Ao passo que aborda a situação da política brasileira, contempla questões referentes ao contexto social dos pobres e dos apoiadores dos movimentos Pró-impeachment, em 2016. Inicialmente, o poeta traz as questões referentes às reformas propostas e aprovadas pelo atual presidente nacional, comparando-as com a goleada sofrida pelo Brasil na copa de 2014:

Não que eu não peque, mas essa pec ta tirando a favela  
Mais um gol contra, que muita gente comemorou.  
É cada 7x1 que cai na conta do trabalhador  
A mão que bateu panela não é a mão que lava a panela  
Foi pra janela cantar o hino de camisa amarela? (AFONSO, 2016)

Além dessa premissa, o autor recupera fatos que culminaram nos últimos acontecimentos políticos nacionais. Ao mencionar “a mão que bateu panela não é a mão que lava a panela” o texto denota quem eram as pessoas que estavam nas manifestações. Percemos que não se trata de uma manifestação das massas, mas de uma elite, pois o sujeito não lava a panela, ou seja, tem alguém para fazer tal atividade e esse não estava se manifestando. O jogo de palavra entre peque e pec coloca em polos opostos poder e dominado: de um lado estão as propostas do governo, de outro os pecados da poesia. Num sincretismo de influências, o futebol entra na política, tanto na goleada sofrida na copa de 2014, da mesma forma, quando no gol contra do impeachment comemorado pelas elites e partes mais conservadoras da sociedade.

---

<sup>10</sup> Dados obtidos a partir da página Slam Resistência, em Facebook.

Na segunda estrofe, o valor linguístico do morfema *amarela* é resignificado. Literalmente, o vocábulo estaria relacionado à cor, mas nessa materialidade denota a atitude do burguês: ficar com medo. Ao mesmo tempo, o poema traz à tona o motivo pelo qual o “patrão” fica com medo – encontrar a filha da empregada de beca na formatura:

E a amarela morre de medo de encontrar  
Favela na lista de aprovados no vestibular  
Imagina a tortura pra quem apoiou a ditadura  
Encontrar a filha da empregada de beca na formatura  
Ai não atura, mas tenha calma patrão, não dá na vista, mas seu  
filhão se formou pedindo cola pra cotista  
Parece até piada do sensacionalista  
O filho de chefe põe no face que vagabundo é artista, bolsista,  
cotista... (AFONSO, 2016).

No poema aborda a questão das cotas, e, sobretudo a juventude dividida. Na realidade, as faixas etárias são construções políticas. Segundo Canevacci:

Cada jovem, ou melhor, cada indivíduo pode perceber sua própria condição de jovem como não-determinável. Por isso, assiste-se a um conjunto de atitudes que caracterizam de modo absolutamente único a nossa era: as dilatações juvenis. Ao dilatar-se da auto-percepção enquanto jovem sem limites de idade definidos e objetivos dissolve as barreiras tradicionais, tanto sociológicas quanto biológicas, desmorona a demografia, multiplica-se as identidades móveis e nômades. (CANEVACCI, 1942, pg. 29).

Assim, a juventude não existe como elemento harmônico e homogêneo. É facionada pelo político, atingida pelo social. Ser jovem depende do lugar que fala o indivíduo. Além disso, a juventude como sinal de uma faixa preparatória à vida não significa o mesmo em qualquer lugar: o discurso dominante pretende o jovem de baixa renda pronto para o trabalho o mais cedo possível, eliminando a transição que se permite aos jovens afortunados socialmente: esses podem se preparar aos mais altos cargos e salários.

Na estrofe seguinte, Afonso tece questões referentes a todo um circo que se formou em relação à operação Lava-Jato. Nessa parte, o autor faz novamente alusão à goleada sofrida pela seleção brasileira, provendo a seguinte sentença: sete para a elite e um para o povo brasileiro.

Mas um gol contra, faltou passar na tela um informe.  
De que time era a camisa debaixo do uniforme do juiz  
Que foi conivente e pouco diz, sobre o golpe que a democracia  
tomou no nariz  
Com tudo transmitido em rede nacional, com o apoio da TV, do  
Rádio, da revista, do jornal.  
Foi cinematográfico, até escuta ilegal Um abraço, pra quem botou fé  
no japonês da federal.  
Fica esperto com dengue, zika, Chikungunya  
Mas de olho aberto com Temer, Aécio e Eduardo Cunha.

A poesia continua com o direcionamento de críticas aos meios de comunicação e a manipulação social que mobilizam, principalmente aos menos favorecidos. Dessa maneira, percebemos um posicionamento estruturado, fundamentado em argumentos costurados pela retomada de discursos, por exemplo, a música composta por Belchior interpretada por Elis Regina numa época conturbada da história desse país. Entre a recuperação de fatos e escritos o eu-lírico (e político) conduz sua poesia ao final, num constructo de versos soltos na rua, para reafirmar que a luta por um país livre da exploração e da corrupção continua:

Mas eles venceram, sinal fecha pra nós  
Ainda vivemos como nossos pais, ou nossos avós.  
Exalto a voz, solto meu verso na rua, correndo o risco do após  
Sozinho em noite sem lua  
Sei que a maldade é veloz, o mal também não recua  
Mas não estamos sós: A LUTA CONTINUA!

Tomando as materialidades linguísticas dispostas na página **Slam Resistência**, percebemos que nenhuma das poesias se mantem presa a uma única temática. Em nenhuma dos três escritos aqui retratados encontramos um texto puro, mas sim uma projeção de versos em tramas de ideias e conexões organizadas e construídas pro meio da argumentação intertextual, que sincreticamente atribuem ao Facebook o caráter polifônico do conteúdo. Conforme Santaella:

A hipermídia é uma linguagem eminentemente interativa. O leitor não pode usá-la de modo reativo ou passivo. Ao final de cada página ou tela, é preciso escolher para onde seguir. É o usuário que determina qual informação deve ser vista e por quanto tempo. Quanto maior a interatividade, mais profunda será sua experiência de imersão do leitor, de imersão que se expressa na sua concentração, atenção, compreensão da informação e na sua interação instantânea e volatilidade dos estímulos. (SANTAELLA, 2004, pg. 52).

Sendo assim, o Facebook é um berço polifônico, já que as diversas vozes, que duelam na arena da argumentação, imperam nos escritos de forma reconhecida pelo leitor atento. Canevacci (2013, pg. 77), salienta que o sujeito ao escrever deve se projetar como o “nós” da comunidade, do coletivo, a fim de mensurar que não existe um único modo de pensar um objeto ou modelo cultural, e acrescenta:

Multiplicar as subjetividades do pesquisador significa que a emoção e razão, poeticidade e cientificidade, gênero e número não se confundem, mas se dilacerem, acrescentem, diferenciem. Contaminar os gêneros não deve significar a homogeneização, mas sim acrescer as variações cromáticas, sonoras, estéticas. (CANEVACCI, 2013, pg.77)

Por isso, essa profusão de textos publicados em rede permitiu não só aproximar leitor e autor, mas interliga-los. Ou seja, não se sabe quem é o dono do discurso, ao passo que o escrito é compartilhado algo se perde e algo se modifica, transformando a invisibilidade em uma arena de lutas e essa se torna um ecossistema vivo, como discutíamos no capítulo anterior.

Assim, espera-se que o sujeito seja capaz de identificar certas questões como as aqui trabalhadas, por exemplo, nas materialidades dispostas online. Assim, estaremos formando não só leitores por meio das redes, mas sujeitos que leem e que se dão conta do universo multiconectado que vivem e, supostamente, passarão a interpretar e interligar realidades por meio das plataformas digitais.

Segundo Santaella (2004, pg. 52), “nas redes a grande inovação da comunicação encontra-se no seu caráter interativo que é inseparável do caráter hipermediático de sua linguagem”. Portanto, esse fator coopera a um hibridismo de linguagens, já que a poesia falada nas ruas é a materialidade posta no Facebook. Logo, o leitor inicia sua imersão pela linguagem, da mesma forma, a palavra é codificada e digitalizada, o que confere um novo hibridismo poético. Há nesse movimento uma nova ressonância, a das redes.

## 6. Conclusão

A partir desta pesquisa, podemos perceber que o ciberespaço é um ambiente rico de subjetivismo, no que diz respeito à arena da comunicação e troca entre os usuários. Salientamos que desse todo, recortamos o Facebook, pelo fato de nesse ambiente localizar uma infinidade de materiais literários para análise. No entanto no que diz respeito à poesia, compreendemos que existe um cruzamento sincrético entre os escritos.

Ou seja, existe nos escritos uma manifestação de ideias e ideais conectados pela tessitura que é luta por um estado democrático de direito igualmente proposto a todos. Torna-se redundante tratar de democracia e igualdade dentro de uma mesma sentença, já que uma clama pela outra. A partir das análises, entretanto, foi possível inculcar que é errôneo tratar da realidade periférica da mesma maneira que as demais classes sociais. Nesse pretexto, as poesias soam como um manifesto e, de certa maneira, a literatura sempre foi à manifestação da realidade nua e crua, tecida por autores no âmbito do seu olhar social, logo com as Slams não seria diferente.

Através das pesquisas realizadas, podemos conceber o espaço eletrônico, como convencionou Rheingold, o ambiente onde “as nossas identidades se misturam e interagem eletronicamente, nós inscrevemos as nossas identidades como palavras sobre a tela, decodificamos e desembalamos as identidades dos outros” (RHEINGOLD, 1995. Apud Canevacci, 2013, pg.77), dessa maneira, ponderamos que hibridamente os discursos são selecionados e difundidos online.

Construídos hibridamente, as materialidades encontram em si a característica plena da polifonia, durante o processo de recepção dos escritos, por parte dos usuários, e atualização do escrito, por parte do autor. Para esses dois sujeitos, inferimos que assumem características peculiares no ciberespaço, pois ao compartilhar dados escritos um reproduz e adiciona suas subjetividades dentro da materialidade de outrem, ao passo que multiplicam e contaminam a *web* de forma que crescem as variações estéticas.

Salienta-se que esse movimento não contesta a heterogeneidade dos gêneros, porque implica a cada enunciador transpor sua realidade e, como essa será diferente para cada sujeito, a representação e aceitação serão diferentes para cada usuário. Logo, estamos frente a um processo de *possíveis dialéticas-patchwork*, conceito que advém dos estudos de Canevacci acerca da mistura, desordem, fragmentação e justaposição da dialética sincrética, que visa justamente à hibridização do pensamento, diante de retalhos reciclados, que são as poesias no Facebook.

Atrelar esses conhecimentos aos escritos online permitiu reconhecermos nas poesias a característica polifônica e dialógica, pois nesse estatuto a comunicação se estabelece da recepção de informações e compartilhamentos. Sendo assim, permeia as relações entre a invisibilidade e a ubiquidade, já que dispostos em redes invisíveis os leitores ubíquos conseguem ir além das trocas em salas de bate-papo, afinal por meio de suas habilidades, tanto de leitura quanto escrita, dão início a manifestação literária tipicamente online e significativamente jovem.

Por conta disso, se questiona a relação dos jovens e a leitura: Até quando vamos contabilizar como leitura somente o cânone ou a leitura gradeada em sala de aula? Discutimos essa questão e concluímos que o jovem lê, pelo simples fato de estar em contato com a materialidade nas diferentes plataformas que o cercam. Por conta disso, cabe a nós professores situarmos nossos alunos das intenções subentendidas em dados campos da escrita, pois ao receber um folheto na rua, por exemplo, o jovem precisa pré estabelecer relações, que o indicarão o foco e o intuito de dado registro.

Outrossim, por meio da escrita ele será capaz de atribuir a sua realidade uma significação, por meio da hibridização de informações nas conjecturas sociais. Portanto, a *web* contribui para a formação do sujeito quanto leitor, ao passo que o conecta e o induz a novas realidades dispostas a partir do *touch*, dentro do ecossistema ubíquo que é o ciberespaço. Dessa forma as redes e os coletivos poéticos vão muito além da informação, mas transpõe democraticamente as resistências sociais dentro da internet.

Como comentamos nessa pesquisa, é na linguagem e pela linguagem que o homem se constrói como sujeito, a partir das suas experiências culturais e sociais. Sendo assim, a Slam importa à medida que une novas perspectivas ao leitor, tanto no campo da leitura como na produção literária. Páginas como a Slam transferem ao sujeito a capacidade de, por meio do intertexto, se conectar com diferentes linguagens e situações sociais.

Sendo assim, o caráter fomentador de literatura e cultura propõe a plataformas como o Facebook ir além do próprio objetivo comunicacional. Ou seja, em consonância ao material disposto nas redes o sujeito se reconhece e se transporta a um universo sincrético e ubíquo determinado pelas lutas eXtremas, que envolvem o ciberespaço.



FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. 5ª ed. São Paulo: Loyola, 1999.

KOZINETS, R.V. **Netnografia. Realizando Pesquisa Etnográfica Online**. São Paulo: Penso, 2014.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Trad. Paulo Neves. 2.ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

\_\_\_\_\_, Pierre. **Cibercultura**. Trad. Carlos Irineu da Costa. 2 ed. 7ª Reimpressão. São Paulo: Editora 34, 2008.

MARTÉL, Frédéric- **Smart:tudo que você não sabe sobre a internet**. tradução Clóvis Marques.- Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

MBANDI, Nzing- **Corpos Negros e Representação Social no Brasil: uma discussão de gênero e raça- revista da ABPN**. V. 9, N. 21. NOV. 2016- fev. 2017.

Disponível em:  
[http://www.espm.br/download/Anais\\_Comunicon\\_2014/gts/gt\\_dez/GT10\\_HELOISA\\_Omine.pdf](http://www.espm.br/download/Anais_Comunicon_2014/gts/gt_dez/GT10_HELOISA_Omine.pdf). Acesso em: 20 out de 2017.

O GLOBO: Consumo da literatura é mediado pelas redes sociais. 2014, 30 jul. 2014. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/cultura/livros/consumo-da-literatura-mediado-pelas-redes-sociais-13431075>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

RITEIRA, Portugal Slam- Portugal. Disponível em:  
<http://portugalslam.com/portugalslam>. Acesso em: 22 out. de 2017.

RESENDE. B. **Notas sobre a literatura contemporânea: o local, o global e o nacional**. In: RETTENMAIER, M. RÖSING, T. Questões de ficção contemporânea. Passo Fundo: UPF, 2013.

REYES, Alejandro- **Vozes dos Porões: A literatura periférica\marginal do Brasil**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SANTAELLA, Lucia- **Comunicação Ubíqua: Repercussões na cultura e na Educação**. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_, Lucia- **Linguagens Líquidas na Era da Mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2008.

\_\_\_\_\_, Lucia- O Leitor Ubíquo E Suas Consequências Para A Educação- Coleção Agrinho: disponível em:  
<https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwiVyMG78vHXAhULgZAKHXBnD1UQFggnMAA&url=http%3A%2F%2Fwww.agrinho.com.br%2Fsite%2Fwp->

content%2Fuploads%2F2014%2F09%2F2\_01\_O-leitor-  
ubiquo.pdf&usg=AOvVaw3sDGp0vKBB85vnoaHTBpFL. Acesso em: 15 set. de 2017

\_\_\_\_\_, Lucia- **Navegar No Ciberespaço: O perfil cognitivo do leitor  
Imersivo**. São Paulo: Paulus, 2007.

\_\_\_\_\_, Lucia- **Corpo e Comunicação: Sintoma de cultura**. São Paulo:  
Paulus, 2008.

TROTSKY, Leon-**Literatura e Revolução**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1969.

Poesias:

<https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1522961674453213/>

<https://youtu.be/lgyn9UwYByE>

<https://www.facebook.com/slamresistencia/videos/1521883884560992/>